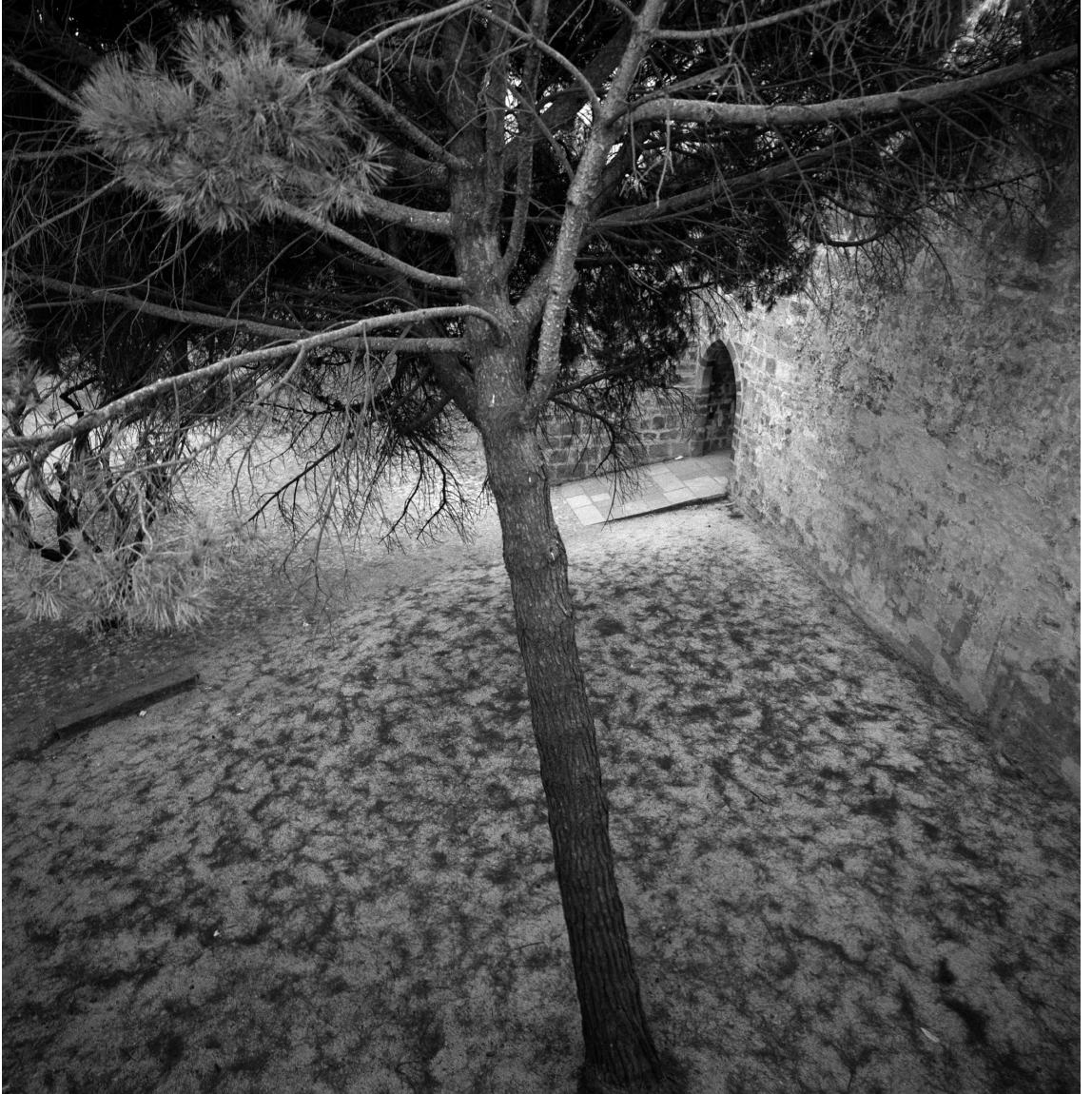


João Musa, "O viajante e as cidades".



*Lisboa, Portugal, 1998*

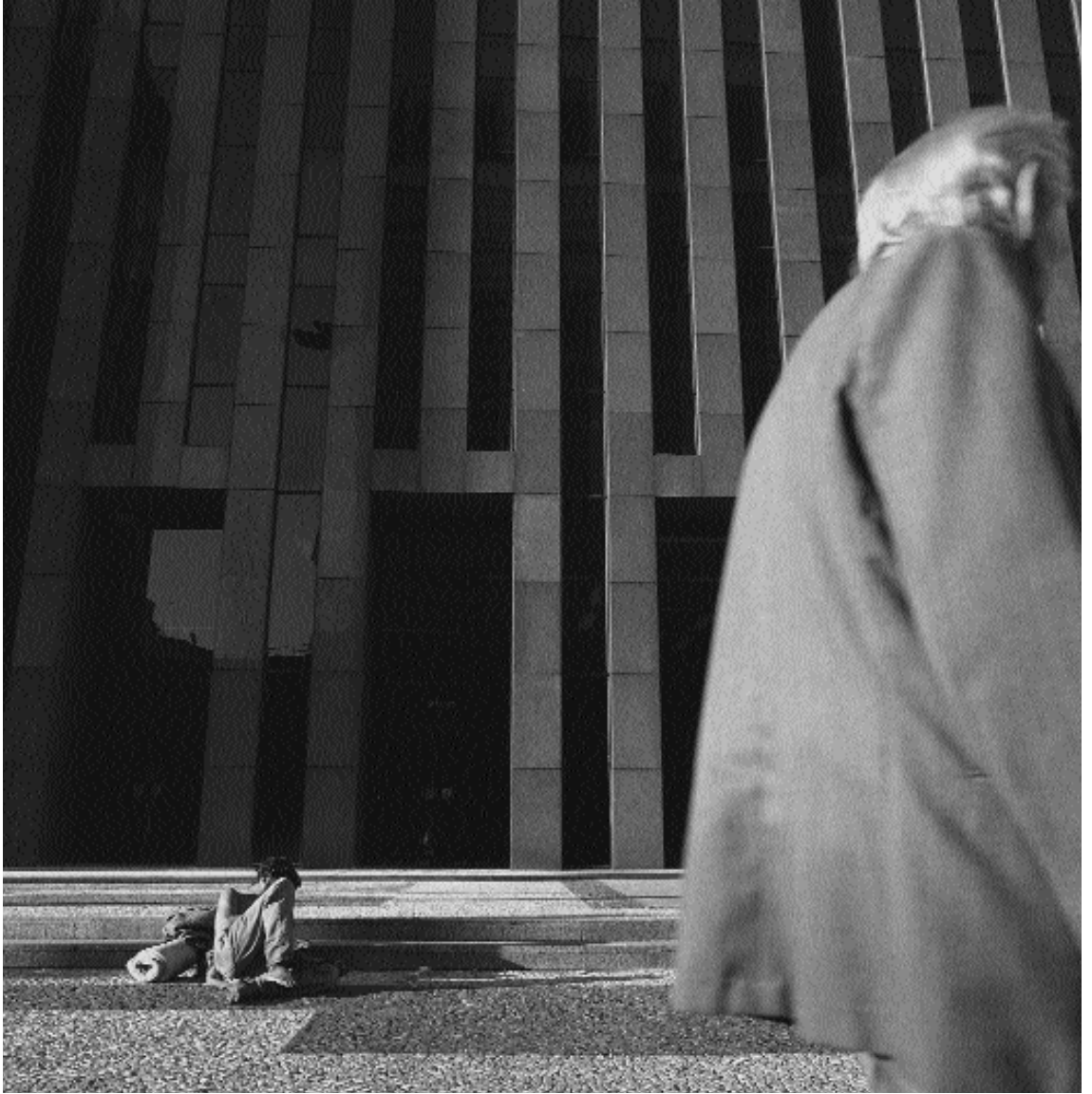


*Roma, Itália, 1993*



*Estação Júlio Prestes, São Paulo, 1997*





*Av. Paulista, São Paulo, 1996*



*São Pedro, Argentina, 1996*

Caro Janub

Estranho recurso que me propuseste utilizar. No início acolhi a idéia de que poderia documentar, desenhar realidades com a luz, em placas de vidro, depois em nitratos, e finalmente em acetatos ou papéis sensíveis, onde as luzes e as sombras recolhidas pelas fotografias guardariam estranha similaridade com as dos objetos; e onde as formas expostas e reveladas pareceriam se confundir com meu próprio olhar. Aos poucos descobri que as placas antigas, pela fato de não serem sensíveis à cor vermelha, registravam os lábios das mulheres em tons de cinza escuro, que não eram nem próximos do que se podia supor. O mesmo ocorria com maçãs e vestidos vermelhos, que transmitiam uma impressão grave em suas representações escurecidas. Os azuis luminosos eram representados por branco, não havia nuvens, elas que tanto ajudam no “clima” das paisagens, e era preciso pintá-las. Com o passar do tempo, os filmes monocromáticos adquiriram uma sensibilidade à cor que conseguia reproduzir os azuis em tons de cinza, e ainda depois, com a descoberta dos filtros, os fotógrafos passaram a exagerar, fazendo com que céus tivessem tons de cinzas profundos em contraste com nuvens brancas. Tudo começou a se transformar na linguagem fotográfica: a luz mudou, não a que banhava as casas e paredes do início do século, mas sim a dos materiais que gravavam essa luz. Das nuances suaves entre os tons escuros e claros, onde se podia ver as texturas das sombras, até o brilho intenso do sol batendo nas torres altas e brancas da estação de trem.